

# Mercedes Sosa

JÂNDERSON ALBINO COSWOSK

intransitiva  
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

# Mercedes Sosa

Jânderson Albino Coswosk

O frio estava insuportável naquele dia. Era de se esperar, ainda mais em dias chuvosos misturados com uma leve *drizzle* que se formava na grama dos quintais da zona norte. Aquela camada fina de gelo que se acomodava nos carros, nos vegetais, nos bancos de pontos de ônibus agora beijava os lábios de Carlos, todos rachados e sem protetor labial. Suas narinas lembravam as chaminés do natal, que, no ano passado, não exibiram a mesma fumaça, com a mesma intensidade. O argentino passou as vésperas e o feriado sozinho, sem os amigos de Palermo e sem os pais. Aos poucos, Carlito — como sua *madrecita* o chamava — descobria o que era viver no estrangeiro, ser estrangeiro e ser lembrado disso em cada metro cúbico de Vancouver.

Janeiro exibia manhãs muito cinzas, nubladas, cheias de gente empacotada e sem simpatia. O *two ten bus*, que passava britanicamente às 9h13 da manhã, levava em comboio o corpo de Carlos — refiro-me ao corpo sem ânimo mesmo, quase que zumbi, de tanto sono e tanto frio. Carlos podia passar tranquilamente como canadense, europeu, ou o que quer que seja que lembrasse a brancura que o Ocidente teima em manter como identidade primeira e única. Era só abrir a boca que ele retornava ao status de nem branco, nem negro, nem um meio termo entre os dois. Mas hispânico. Os olhos da cor do Pacífico, o contraste das veias roxas com a pele pálida, o sorriso amarelado dos cigarros e os cabelos que mais pareciam fios de lã, em pleno ouro quando a luz do sol batia, formavam a casca do homem de trinta anos que acabava de completar. A boina, o casaco longo, o guarda-chuva, companheiro diário, e a mala carregada de papéis, aliados a um maço grosso do *Granville Square* compunham o traje daquele ordinário executivo.

Todos os dias, o mesmo ônibus, o mesmo horário, mesmo trajeto. A mesma multidão de estrangeiros asiáticos e sul-americanos que se deslocavam de Lonsdale Quay para *Downtown*. As mesmas faixas de pedestre coladas na Waterfront Station, os mesmos quadrados de cimento da calçada da Granville Street, a mesma cafeteria. Carlito fazia questão de sair de casa e passar na Starbucks da Granville, porque lá podia sentir o calor que buscava nos corpos das boates, nos maços de cigarro que não substituíam o tabaco da Tabacaria Inglesa, da Calle Paraguay, centro de Buenos Aires, nos cartões postais e nas chamadas de vídeo com María Florencia, sua mãe, que sempre dizia amá-lo, mas não *compartía* da mesma vontade de abandonar o bom e velho tango que costumavam apreciar.



Ilustrações de Yago Lima

Carlito gostava dos aromas e das vozes que ouvia naquele lugar, que frequentava momentos antes de se dirigir ao escritório frio, para lidar com gente fria e com os números frios das bolsas de valores. A rotatividade dos funcionários ajudava — todos estrangeiros, com sotaques complexos que se esforçavam para articular o inglês (que era qualquer coisa, menos “canadense”). Sophie, como gostava de ser chamada, era sua costureira anfitriã: “*Colombian coffee and sun dried tomato and cheese sandwich for here, right, Carlito?*”. Ele, com a resposta de sempre: “*As usual*”. Aquele inglês sul-coreano, rápido, como qualquer fala de qualquer atendente do Starbucks, o deixava à vontade para usar o “b” ao invés de “v” nas palavras em inglês, de soltar suas interjeições mais corriqueiras no meio dos vietnamitas; balbuciar as emoções e as palavras que não sabia falar naquele idioma torto, naquela outra língua, em meio a brasileiros, colombianos, japoneses, coreanos e outras pessoas que não conseguia identificar de onde eram. Era ali que Sophie colocava para tocar *Todo cambia*, onde ele rapidamente se transportava para os tempos jocosos da universidade, para os momentos em que acreditava que podia mudar o mundo. Mas a canção o lembrava que “*cambia el clima con los años*”... E como muda. A cafeteria era seu refúgio contra os olhares lá de fora. Ali ele voltava para casa e não precisava do visto de residência permanente.

Aquele dia comum foi rasurado por algo imprevisível. O leve toque dos dedos que sinalizou a entrega do café da manhã não era de um rosto estranho. Era um rosto diferente daqueles que via todos os dias na cafeteria. Era terno, sereno, calmo, o avesso das poses e falas atravessadas que ouvia dos funcionários, sempre apavorados pela entrega dos pedidos. O mais esquisito era que o rosto, de alguma forma, se tornou familiar. Não por estar com uma vontade louca de largar tudo e voltar para casa, ou muito menos por conta do meio sorriso da moça. O toque parecia ter durado por anos — a ponta dos dedos dela em sua mão o fez ver cenas, contrastes, trajes e lugares que nunca viu. Ou pelo menos era isso que ele imaginava. Segundos se converteram numa tela embaçada, com um homem e uma mulher de mãos dadas, se entreolhando, em despedida. Ela entrou na carruagem com o auxílio do íntimo cavalheiro, que virou as costas e caminhou em sentido contrário assim que os cavalos deram partida.

O terno, o vestido longo e rendado, aqueles homens e mulheres negros seminus, acorrentados pelas ruas, rodeados de pessoas que disputavam pela posse de seus corpos em um leilão o chocaram de forma profunda. Tanto quanto aquela paisagem colonial de Buenos Aires, ensanguentada pelo comércio escravista. De repente, ele tremeu. A mão balançou, o café derramou um pouco. Romina, a atendente, logo ofereceu papel e ajuda: — *¿Todo bien contigo?* — Carlos estava em choque e não conseguiu responder prontamente. — *Yes, sí, sí. Gracias...* — Por um momento, não conseguiu processar aquele fenômeno que lhe ocorreu, tampouco esquecer dos segundos que se converteram em horas. Era a primeira vez que ele se deparava com a sensação de *déjà vu*, de lembranças de um passado que, aparentemente, não era seu. Mas como se lembrar de algo que se reflete na íris dos olhos como espelho e se sentir parte de uma cena, sem que o espectador esteja lá? Ele queria perguntar a Sophie quem era a nova funcionária, de onde era exatamente, já que o espanhol que ouviu na voz gentil lembrava o mexicano. O choque aumentava à medida que Carlos se sentia atraído por Romina, não por seus traços amazônicos, mas porque ela o fez sentir saudade de alguém ou algo que não viveu ou conheceu.

Os dois trocaram rápidos olhares, mas nenhum deles se rendeu à posição de presa. Ela parecia também ter sido tocada, de alguma forma, por aquele raspão de mãos entre estranhos. Era também a primeira vez que Carlito teve aquela sensação de desconforto, incômodo que só a atração entre duas pessoas explica. Naquele dia, o papel do *Granville Square* sofreu uma rasura, um corte manual e se transformou num código numérico deixado à mesa por Carlito, ao sair do recinto. Romina estava disposta a desvendar o código e a conhecer a fundo o que era aquele segredo que ambos nem sabiam que guardavam dentro de si, que nenhum hormônio ou aparência física explica. Que só a alma revela.

## Sobre o autor

Jânderson Albino Coswosk é professor do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) - Campus de Alegre e atuou como *Visiting Scholar* no *Dartmouth College*. É doutorando em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Suas pesquisas lidam, principalmente, com a obra ensaística e literária do escritor James Baldwin e seus diálogos com a cultura visual.